TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

A midiatização é para todos? Uma provocação[1]

Is mediatization for everyone? A provocation

Ana Paula da Rosa[2]

Resumo: O foco deste texto está em problematizar a midiatização e sua capacidade de afetamento social. Parte-se da provocação: a midiatização é para todos? Considerando as classificações sociais e os estigmas presentes nos processos comunicativos e sociais, o artigo se volta para analisar um acontecimento recente na cidade de Porto Alegre, um incêndio em uma pousada que resultou na morte de sujeitos em condição de vulnerabilidade social. Ante este caso, busca-se pensar em que medida o conceito de midiatização enquanto processo estende-se para todos os indivíduos ou acentua defasagens em razão dos não acessos ao espaço discursivo e à tecnologia.
Palavras-chave: midiatização; classificações; imagem.

Abstract: The focus of this text is to problematize mediatization and its capacity for social affectation. It starts from the provocation: is mediatization for everyone? Considering the social classifications and stigmas present in communicative and social processes, the article turns to analyze a recent event in the city of Porto Alegre, a fire in an inn that resulted in the death of subjects in conditions of social vulnerability. In this case, we seek to think to what extent the concept of mediatization as a process extends to all individuals or accentuates lags due to the lack of access to the discursive space and technology.

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 4 — Antropoceno e comunicação: questionamentos epistemológicos".

[2] Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), mestre em Comunicação e Linguagem pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e jornalista pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente é professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha Linguagens e Tecnologias da Comunicação, bem como docente dos cursos de comunicação na mesma instituição. E-mail:anarosa@ufrgs.br.

Keywords: mediatization; classification; image.

1. Introdução

Este texto inicia com uma pergunta, aparentemente retórica, mas aqui uma provocação para estimular nossa reflexão. A midiatização é para todos?

Esta mesa cujo debate se centra nas Classificações Sociais entre exclusões e igualdades tentativas é um espaço muito rico para que tais provocações sejam postas tanto para que possamos adensar nossos debates reflexivos e críticos, como para buscar chaves de compreensão para o que vivemos cotidianamente. Assim, este texto, ainda em elaboração, é um esforço para pensar as classificações sociais e a midiatização em processo.

O homem é um ser classificatório. Classifica seres, objetos, coisas de modo instintivo. Ao mesmo tempo é um fenômeno social. Berger e Luckmann (1985),por exemplo, mencionam que usamos "esquemas tipificadores" a todo momento, inclusive como forma de "apreensão do anonimato do outro". Neste sentido, nossos esquemas tipificadores são preenchidos por características e aspectos que julgamos pertencer à classe à qual este outro pertence" ((BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 46-53). Em direção similar, Levy Strauss (1989, p 70) considera que

> Não basta identificar com exatidão cada animal, cada planta, pedra, corpo celeste ou fenômeno natural evocado nos mitos e no ritual - tarefas múltiplas para as quais o etnólogo raramente está preparado - é preciso saber também que papel cada cultura lhe atribui no interior de um sistema de significações. (STRAUSS, 1989, p. 70).

Ou seja, tanto Berger e Luckmann quanto Strauss trazem a classificação como uma prática intrínseca ao homem, vinculada tanto ao julgamento quanto aos papéis atribuídos socio e historicamente dentro de uma cultura. Assim, os atos de classificação que realizamos são incontáveis. Como afirma Costa (1997), classificamos sem nos dar conta de que o fazemos e na maior parte das vezes, classificamos em silêncio. Isso significa dizer que estamos escolhendo, valorizando, separando, excluindo o tempo todo. Se pensarmos na força deste processo, não temos como não olhar para nós mesmos. Nós, eu e vocês, somos seres classificantes. A questão não está em separar, hierarquizar, selecionar, mas em atribuir ordens, tipificações a outros sujeitos, na maior parte das vezes

àqueles que não podem tipificar, ordenar e enquadrar outros sujeitos porque são excluídos de qualquer forma de poder, inclusive o soberano à vida do qual fala Agamben (2010).

Neste aspecto, Strauss enfatiza a necessidade de um sistema de referência, ancorado em uma cultura, para que seja possível construir as estruturas de classificação. E que sistema de referência mobilizamos? Além da linguagem, de códigos sociais, também lidamos o tempo todo com os sistemas econômicos, políticos, religiosos e por que não, os midiáticos? Obviamente lidamos com múltiplos sistemas de referência e de classificação para que possamos produzir distinções. Como afirma Strauss (1989, p. 75) "é um princípio que não se postula" mas que a "experiência pode apreendê-lo".

Ao pensarmos no sistema midiático como um sistema de referência nos deparamos com os enquadramentos e as ofertas de sentido em produção, mas também com lógicas de midiatização (Braga, 2015) que rompem com sistemas classificatórios prévios, a exemplo do que temos visto nas experimentações da atorização social, em coletivos ou não. Entretanto, ambos, produção e reconhecimento (Verón, 2004) agenciam os sentidos e os fluxos das nossas classificações. Considerando o lugar da experiência, lidamos com distinções de gênero, de espécie, de propriedade, de classe social, de credo e, inevitavelmente, de cor. Além disso, lidamos com a soma destas tipificações, como camadas estigmatizantes, não só como diferenças. Aliás para assumir a existência da diferença é necessário, antes de tudo, reconhecer o outro como outro, o que nem sempre acontece, exatamente, porque não há comunicação.

A midiatização, neste aspecto, é uma forma de inteligibilidade do mundo, mas é também mais uma camada que se soma às possibilidades de classificação. Muniz Sodré (2021) considera que a midiatização não se restringe aos sistemas de mainstream da mídia, isto é, o autor foge da perspectiva midiacêntrica, pois para ele (2021, p. 119) mais que os dispositivos ou a dimensão tecnológica, o conceito se refere a "um nome, provisório no limite, para a transição tecnológica que caracteriza as formas tradicionais de organização e instituição". Logo, ao colocarmos este conceito em articulação com a ideia de classificações sociais, nos permitirmos pensar sobre as formas de organização e instituição visto que se refere "a um processo de mudanças qualitativas em termos de configuração social por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana,

cuja superfície é a imagem, a ser entendida latu senso como visualidade e o imaginário sociocultural".

A partir de Sodré (2021) podemos refletir sobre a midiatização como esta intersecção ou amalgamento da tecnologia, incluindo aí as lógicas de mídia, com as práticas sociais. Estas são reconfiguradas, instaura-se um novo modo de ser em sociedade, como bem aponta Pedro Gilberto Gomes (2017). Para o autor (2024) estamos diante de um novo paradigma comunicacional que resulta em profundas transformações. A criatura simbiótica de hoje é a que possibilita projetar um outro modo de viver. Contudo, saindo da abstração do conceito, como a midiatização comparece, efetiva e tangivelmente? Este novo modo de ser no mundo afeta a todos da mesma maneira?

Eliseo Verón (2014) afirma que a midiatização não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades, mas sua capacidade de semiose, portanto de exteriorização mental, sim. Isto é, em comum, como seres humanos, produzimos sentido por meio de fenômenos midiáticos. Esta elaboração de sentidos, implica em diferenças e desvios entre produção e reconhecimento. Para Scolari e Amat (2021) já não se pode falar em midiatização, no singular, mas em midiatizações, no plural, considerando que não se trata de um processo linear. "Not all mediatizations are equal" mencionam os autores. Braga (2024) durante o Grupo de Trabalho 02 deste Seminário, a partir dos debates mencionou que iria mais além. "todas as midiatizações são diferentes". Agregamos aqui alguns elementos ao debate: primeiro, podemos pensar que a midiatização é um processo amplo e complexo, que se realiza de diferentes maneiras, em diferentes culturas. Porém, há certa especificidade da midiatização que nos permite pensar em um conceito transversal. Segundo, se entendemos que nem todas as midiatizações são iguais ou que todas são, essencialmente, diferentes, podemos considerar que há sujeitos fora da midiatização, que dela não fazem parte? Portanto, classificados como a-midiatizados? Retoma-se a provocação do início, a midiatização é para todos? O caso empírico aqui mobilizado talvez nos ajude nesta tessitura entre classificações e midiatização, cuja linha passa pelo imaginário sociocultural.

2. Acontecimento: incêndio em pousada em Porto Alegre

No dia 25 de abril deste ano um incêndio de grandes proporções atingiu o centro da capital gaúcha, mais especificamente um prédio de 3 andares onde viviam, segundo dados não oficiais, aproximadamente, 200 pessoas. As chamas consumiram a Pousada da Garoa (Figura 1), um local que acolhia pessoas em condição de vulnerabilidades, resultando na morte de 10 pessoas e em vários feridos. O fato em si, recontado aqui neste texto, revela muito mais do que um acontecimento jornalístico. Trata-se de um acontecimento-fenda que nos permite pensar sobre as classificações sociais e a midiatização.

Figura 1 — Incêndio Pousada da Garoa



Fonte: *Frame* de vídeo publicado no G1.

Figura 2 — Fachada pós incêndio



Fonte: Imagem publicada no G1.

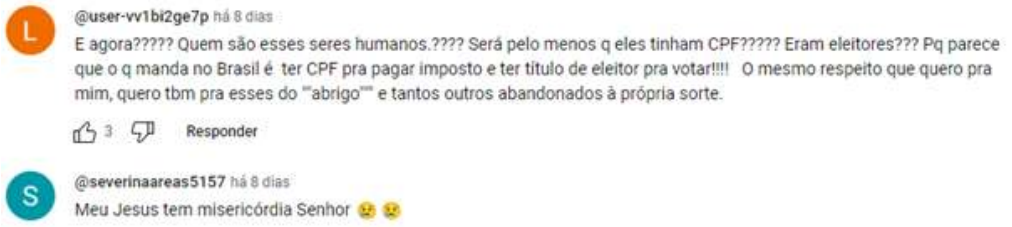
As pessoas abrigadas na Pousada na Garoa, no centro da cidade, logo ao lado da estação rodoviária da capital gaúcha, são majoritariamente de dois grupos: 1) moradores de rua em condição de drogadição e 2) sujeitos que vivem na rua pela falta completa de condições, sem famílias. Ambos os grupos tidos como "em vulnerabilidade" são retirados das ruas da cidade e abrigados nestes espaços, com apoio do poder público. Sem entrar no mérito de políticas públicas, aqui, cabe pensar em que tipificação colocamos tais pessoas. Não é raro ouvirmos nas ruas "eles precisam ser retirados do centro da cidade", "cuidados com esses pedintes e drogados". Ao mesmo tempo, as pousadas como a Garoa, que abrigam em péssimas condições estes homens e mulheres, sequer são percebidas, exceto quando uma tragédia de grandes proporções ocorre.

Ambos os grupos de moradores da Garoa estão, de alguma forma, midiatizados. Possuem registros digitais de seus "acolhimentos". Possuem documentos, tem seus rostos registrados por câmeras de segurança das imediações, estão nos programas municipais de assistência cujos registros são digitalizados, dentro daquilo que poderia ser enquadrado nos estudos desenvolvidos por Anne Kaun (2023) a respeito do data *welfare state*. Alguns possuem telefones celulares. No entanto, ainda que estejam dentro deste "modo de ser" cada vez mais atravessado por tecnologias, vivem fora dela. Levam à cabo a situação de que nem todas as "midiatizações são iguais", inclusive porque classificados como a "escória da sociedade", "aquilo que ninguém merece ver", "o que deve ser eliminado, escondido do centro da cidade" são, também, excluídos do acesso aos espaços discursivos. Conformam uma imagem-superfície que retroalimenta um imaginário social de separação e apagamento. Dentro do sistema de significações, os sujeitos em condição de vulnerabilidade da Garoa são os pobres, negros, viciados, sujos do "coração" de Porto Alegre. Talvez poderiam ser, os moradores de rua de Estocolmo, que também ocupam espaços nas ruas, mas que são cosmeticamente retirados dos principais pontos turísticos. Seria a tipificação comum para todos?

No entanto, quando o acontecimento incêndio ocorre, transformado em acontecimento midiático a partir das lógicas de mídia e de midiatização, ocorrem deslocamentos. Agora os moradores da pousada popular na Farrapos são sujeitos entrevistados, filmados. Tanto a mídia hegemônica quanto atores sociais se unem para

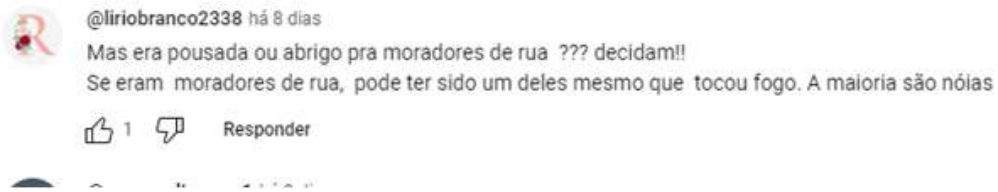
relatar o incêndio, buscar identificar os mortos, cujos velórios não têm ninguém. Nas redes sociais, uma profusão de vídeos, reportagens. As manifestações dos atores sociais nos comentários são de várias ordens. Alguns enfatizam "são seres humanos", outros pedem respeito.

Figura 3 — *Print* de postagem de atores sociais



Fonte: Comentário publicado no YouTube.

Figura 4 — *Print* de postagem de ator social sobre o evento



Fonte: Comentário publicado no YouTube.

Entre hóspedes de uma pousada e moradores de rua há distinções. Ou seja, para os segundos a vida pouco importa. Embora o comentário infeliz possa sinalizar um pensamento individual, nota-se que a cobertura jornalística, por exemplo, na tentativa de identificar um culpado (a prefeitura, os bombeiros), pouco fez para efetivamente olhar para estes sujeitos. Ainda que todo o noticiário da semana estivesse tomado pela ocorrência, tais sujeitos permaneceram à parte. Alguns foram entrevistados e depois, novamente, voltaram ao anonimato. Muitos foram para outra unidade da Pousada Garoa. Isto é, não se trata do acontecimento, nem das pessoas efetivamente envolvidas, porque na ordem de classificação, não são pessoas.

E um *mea culpa.* Passo todas as semanas pela Farrapos, mais de uma vez, sempre vejo os moradores de tais pousadas, mas ver e olhar é diferente. Na maior parte das vezes são parte da paisagem, foi preciso um incêndio para que eu e nós pudéssemos prestar a atenção em suas existências. Isso tem pouco a ver com a midiatização em si, mas tem

muito a ver com as classificações sociais e os *apartheids* sociais que criamos, reforçados pelos abismos digitais e tecnológicos.

Assim, entendo que a midiatização é um processo, um ambiente que a todos nós toca, inclusive aos moradores da Garoa. Mas por ser um processo tão complexo, demanda não só condições de acesso às tecnologias e à infraestrutura de mídia, mas acesso ao espaço discursivo e, especialmente, condições de visibilidade (ROSA, 2020) que são anteriores a qualquer forma de reconhecimento. Apartados da vida em sociedade, categorizados como "indesejáveis" são também afastados dos espaços de interação, existem como corpos, como imagens-superfícies. Como vidas que não merecem viver (Agamben, 2010, p. 135), perderam seu valor. Mesmo quando inscritos em processos de circulação midiática, como no caso do incêndio, não são valorados enquanto sujeitos, pois suas vidas já deixaram há muito de ser "politicamente relevantes". E por que não procuram nosso olhar? Questiona Sontag (2003), muito porque qualquer um que nunca passou por nada parecido com o que eles sofreram, não tem condições de imaginar ou de reconhecer como outro. Não há alteridade sem outridade.

3. Entre exclusões e igualdades tentativas

Ante o caso acima a provocação do início, a midiatização é para todos parece encontrar resposta fácil. Não. É para aqueles que dentro do sistema de classificação ocupam um determinado lugar social e econômico.

Olhando novamente, a resposta é mais complexa. Sim, é para todos, embora não necessariamente implique em apropriação e autonomia. Não há como estar à parte da midiatização, enquanto um processo de reconfiguração social, pois esta está imbricada nas práticas sociais, está nas táticas de sobrevivência. Contudo, é possível fazer parte apenas parcialmente, como num jogo que exige negociação. Em nosso entendimento, os moradores da Garoa convivem com a midiatização, mas ao mesmo tempo não possuem condições de visibilidade para, efetivamente, estarem nela, como todos nós estamos, não somente sendo classificados, mas criando sistemas de referência.

4. A classificação natural: a água impõe uma outra classificação

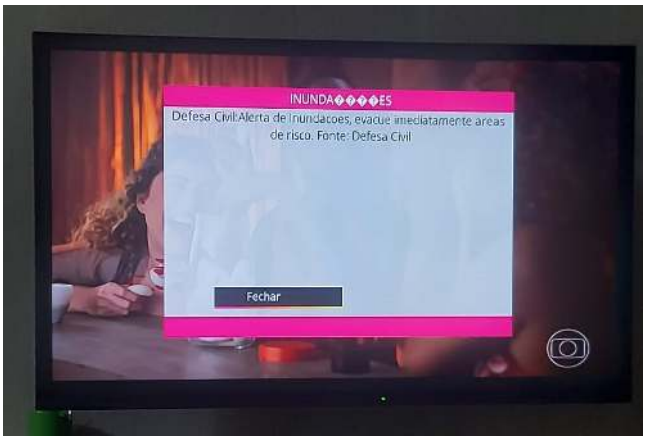
Embora o tema de nossa mesa não seja o antropoceno, inevitável trazer à tona uma outra classificação: a da natureza que não observa nenhuma forma de tipificação e cujos sistemas de referência não são controlados pelo homem. Nos últimos dias, enquanto eu tentava preparar este texto, as águas tomaram conta do Rio Grande do Sul. Não foram algumas cidades, foi o Estado todo. Capital, serra, centro, norte, região metropolitana. As enchentes não respeitam raça, cor, credo, classe social. Elas impõem uma outra classificação: a dos atingidos direta ou indiretamente. A tragédia unifica pela dor, pela solidariedade. E é nestas horas que a midiatização classificatória e operada a partir das distinções sociais e de poder, torna-se um caminho tanto para notícias falsas e golpes, quanto para correntes do bem, para salvar vidas.

Figura 5 — Resgates



Fonte: Imagem produzida por ator social da janela de seu apartamento em SL.

Figura 6 — Registro de alerta



Fonte: Acervo pessoal.

A enxurrada devastadora no Rio Grande do Sul, nos coloca a todos no mesmo lugar, na mesma página midiatizada da história. Aqui a igualdade não é tentativa, ela é o que nos resta para seguir em frente enquanto um espírito, uma força coletiva.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*: o poder soberano e avia nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ARAUJO, Carlos Alberto. Fundamentos teóricos da classificação. *Bibli Revista Eletrônica de Ciências da Informação*. Florianópolis, n. 22, 2º sem. 2006. https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p117/368

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Antonio Firmino. *Classificações sociais*. Leitura. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1997/abr. 1998.

GOMES, Pedro Gilberto. The Camel, the Lion and the Boy: The Path to Mediatization in Latin American Communication Research. *Communication Research Trends*. Volume 43 (2024) Number 1. http://cscc.scu.edu

KAUN, Anne. Anne Kaun & Agnes Liminga (2023). *Welfare Service Centers*: Maintenance, Repair, and Care at the Analog Interfaces of the Digital Welfare State. New Media & Society https://doi.org/10.1177/14614448231220362

ROSA, Ana Paula. A imagem em circulação: estilhaçando o olhar e a memória. FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José LUIZ; ROSA, Ana Paula. *Midiatização, polarização e intolerância (entre ambiente, meios e circulações)*. Santa Maria: FACOS, 2020. p. 187-208. Disponível em https://www.midiaticom.org/midiatizacao-polarizacao-e-intolerancia/

SCOLARI, Carlos; FERNANDEZ, José; AMAT, Joan. *Mediatization (s). Theoretical conversations between Europe and Latin America*. Bristol/Chicago: Intellect Books, 2021.

SODRE, Muniz. *A sociedade incivil*: mídia, liberalismo e finanças. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2021.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

STRAUSS, Levy. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: 1989.

VERÓN, Eliseo. *Teoria da midiatização*: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 13–19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928. Acesso em: 5 maio. 2024